FUNDAÇÃO CULTURAL
CASSIANO RICARDO

Artesania Teatral em Miragens na Caixa

Por Simone Carleto Fontes[1]

O espetáculo reúne manifestações culturais e figuras folclóricas em quatro mini-histórias, conduzindo o público ao universo do teatro de miniaturas com uma experiência visual e sonora por meio do teatro lambe-lambe inspirados no universo do tropeirismo paulista. O nome lambe-lambe é uma herança direta dos antigos fotógrafos de praça e jardim do início do século XX no Brasil, que eram popularmente conhecidos como fotógrafos lambe-lambe. Os fotógrafos da época utilizavam câmeras em formato de caixote. Para revelar as fotos na hora, eles trabalhavam com placas de vidro e papel fotográfico dentro da própria caixa. Supostamente, como o interior era muito escuro, o fotógrafo costumava lamber a ponta da chapa de vidro ou do papel para sentir de qual lado estava a emulsão fotográfica (a parte áspera ou gelatinosa que gravaria a imagem) antes de posicioná-la. Outra hipótese é que eles lambiam o papel para colar a fotografia na moldura de papelão entregue ao cliente.

Quando Ismine Lima e Denise di Santos criaram o formato do teatro em miniatura em 1989, em Salvador, elas adotaram exatamente a mesma estrutura física e estética desses profissionais: uma caixa de madeira sobre um tripé e um pano preto jogado sobre a cabeça para vedar a luz. Como a pessoa precisava colocar o rosto no buraco da caixa para "ver a imagem" (a peça de teatro), a homenagem aos antigos fotógrafos de praça foi imediata, batizando a técnica de Teatro Lambe-Lambe. O teatro de miniatura adotou essa mesma estética: o bonequeiro utiliza uma caixa cênica e se cobre com um tecido para manipular a luz e os bonecos.

[1] Mestre, doutora e pós-doutora em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp, em São Paulo. Professora do curso de Teatro na Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Artes da Unesp - SP. Professora Formadora e Conteudista do curso de Licenciatura em Teatro a Distância da Universidade Federal da Bahia - UFBA. Jurada de Teatro da APCA - Associação Paulista de Críticos de Artes..

O surgimento dessa linguagem nasceu de uma necessidade cênica específica. A primeira peça criada por Ismine e Denise chamava-se *A Dança do Parto*. Na época, Denise estava grávida, e a dupla queria encenar o momento de um nascimento humano, mas achava que um palco tradicional tiraria a privacidade, o mistério e a delicadeza do ato. A solução foi colocar a cena dentro de uma caixa escura, permitindo que o público visse esse "segredo" um por vez. A partir dessa primeira experiência, consolidou-se a regra de ouro do lambe-lambe: é um espetáculo em miniatura feito para apenas um espectador por vez. A pessoa olha por um visor (um buraco na caixa), coloca fones de ouvido e assiste a uma história que dura em média de 2 a 5 minutos. É uma relação de cumplicidade absoluta entre quem manipula e quem assiste. No caso do Teatro do Imprevisto, as histórias são apresentadas para duas pessoas por vez. Hoje, o que começou como uma experimentação na Bahia se tornou um movimento internacional. O Teatro Lambe-Lambe se espalhou pelo Brasil, por toda a América Latina e pela Europa, ganhando festivais próprios e se tornando uma das formas mais fascinantes de levar o teatro de bonecos para ruas, praças e feiras.

A imersão proposta por *Miragens na Caixa* redefine a escala da experiência teatral ao encapsular a vastidão do tropeirismo paulista nas dimensões íntimas do teatro lambe-lambe. A obra articula uma transição engenhosa entre o espaço coletivo e o universo microscópico, iniciando sua narrativa com um cortejo que prepara o espectador para um mergulho personalizado. A codireção de Gustavo Guimarães e Ricardo Salem no prólogo, aliada à direção musical de Vivian Rau, estabelece um resgate imediato da memória das manifestações folclóricas, utilizando o som e o movimento do elenco como um rito de passagem antes da contemplação individual. Assim, o grupo mobiliza o público passante no centro da cidade para assistir as apresentações.

O coração do espetáculo, sob a direção artística de Thiago Almeida e Iasmim Marques, reside na precisão cirúrgica de suas quatro mini-histórias. O formato lambe-lambe exige um rigor estético absoluto, onde cada milímetro da cenografia construída por Vivian Rau, Ricardo Salem e Cibele Tomaz atua como um fragmento vivo das antigas rotas tropeiras. A criação dos bonecos, desenvolvida por Eli Pinheiro e pelo Grupo Teatro do Imprevisto, ganha densidade dramática e peso histórico através dos figurinos minuciosos e adereços de Ivani Melo. Confinados no espaço reduzido da caixa, esses elementos materiais

sustentam a ilusão de um mundo ancestral, animado pela manipulação cuidadosa de Cibele Tomaz, Jefferson Mioni, Ricardo Salem e Vivian Rau.

A dramaturgia atua como um mosaico construído por múltiplas mãos. Ao invés de uma narrativa linear tradicional, os roteiros oferecem relances poéticos das figuras e lendas que habitam o imaginário do interior paulista. O desenho de luz de Rachid Ramos desempenha um papel fundamental nessa transmutação: iluminar o interior de uma caixa é um exercício complexo de contenção. A luz esculpe as sombras dos bonecos, dita a passagem do tempo e confere profundidade aos cenários, transformando o que poderia ser apenas uma maquete em um diorama pulsante que respira a poucos centímetros do olho do espectador. As histórias de cada caixa são: Procissão das Almas, com Vivian Rau; Viagem a Marte, com Ricardo Salem; Histórias de Pescador, com Cibele Tomaz; Mãe d`água, com Jefferson Mioni.

Em *Procissão das Almas*, Vivian Rau apresenta a história de Procissão das Almas coletada por Sonia Gabriel, historiadora joseense que registrou a história em Santa Branca. Sonia reuniu suas pesquisas no livro *Mistérios do Vale: Histórias que o povo conta no Vale do Paraíba, Serra da Mantiqueira e Litoral Norte Paulista*. Em entrevistas sobre suas pesquisas, destaca que o relato da procissão noturna aparece em quase todos os municípios valeparaibanos por onde passou, incluindo cidades históricas e tradicionais como Santa Branca, Jacareí e São José dos Campos. Segundo a tradição oral registrada pela autora, o cortejo acontece durante a madrugada e é formado exclusivamente por espíritos de pessoas já falecidas. Os moradores antigos alertavam que os vivos jamais deveriam abrir a janela para espiar nem acompanhar a caminhada. Na versão relatada pela historiadora, se um vivo entra na procissão ou espia da janela, uma das almas lhe entrega uma vela acesa para segurar. Ao amanhecer, a pessoa descobre que a vela se transformou em um osso humano (geralmente o osso da perna ou da coxa de um defunto), passando a ser assombrada até que o espírito retorne para buscá-lo. Segundo a tradição oral, durante a Quaresma ou nas madrugadas de sexta-feira, espíritos de pessoas falecidas saem pelas ruas em silêncio, vestidos com túnicas brancas e segurando velas. Na adaptação de Vivian, o morador vê as almas e no dia seguinte avisa o padre, que o ensina a espantar as almas com a cruz. O morador assim o faz na noite seguinte, mas sem sucesso, quem espanta as almas é o cachorro, que sai correndo atrás delas.

Já em *Viagem a Marte*, Ricardo Salem manipula um foguete, que chega em Marte

com um Astronauta muito fofo. Lá encontra o Cachorro Caramelo, mais que simpático. Ao se despedir, o Astronauta percebe o choro do cãozinho, voltando para buscá-lo e seguirem juntos de volta à Terra.

Na vez de Cibele Tomaz, *Histórias de Pescador* traz o encanto das águas, quando o Pescador encontra em princípio apenas lixo nas águas poluídas, depois somente um peixe pequeno. Em seguida, encontra a imagem de Nossa Senhora e aí sim vem a fartura, com muitos peixes trazidos pela mãozinha. Depois disso, vem a festa, com direito a estandarte e canção popular alusiva à gratidão pelo milagre recebido. Muitos detalhes em cada pequenino adereço, promovendo surpresas encantatórias.

Por fim, em *Mãe d`água*, Jefferson Mioni manipula cauda de Sereia cintilante por entre as ondas do mar, depois mais próxima do olhar ela aparece com seu canto enebriante. Quando o Peixe surge cantando Figaro, como em uma ópera, transformando as aparições em um show.

Miragens na Caixa exige do público um estado de presença ativa, onde a percepção visual e sonora é uma celebração do trabalho manual e da tradição oral. O grupo utiliza também para a sonoridade dos bonecos blablação e gramelôs, ou seja, diálogos não inteligíveis, exacerbando a capacidade imaginativa de quem assiste. Além de todo esse encanto, é magnífico ver os artistas de fora da caixa promovendo toda a magia teatral, o que comprova como a magnitude de uma manifestação cultural não depende das proporções físicas de seu palco, mas na relação que se estabelece com o público e a delicadeza da artesania teatral e da vastidão poética contida em suas miniaturas.